

## **REPRESENTAÇÕES DO RURAL-URBANO E O CONSUMO DE TELENOVELAS POR JOVENS DA AGRICULTURA FAMILIAR DE PEDREIRAS – MA**

*RURAL-URBAN REPRESENTATIONS AND CONSUMPTION OF 'TELENOVELAS' BY FAMILY FARMING  
YOUNGSTERS FROM PEDREIRAS – MA*

*REPRESENTACIONES DEL RURAL-URBANO Y EL CONSUMO DE TELENOVELAS POR JÓVENES DE AGRICULTURA  
FAMILIAR EN PEDREIRAS – MA*

MARCO AURÉLIO MARÃO VIANA PEREIRA FILHO<sup>1</sup>

VENEZA MAYORA RONSINI<sup>2</sup>

Submissão: 20/10/2020

Aprovação: 27/11/2020

Publicação: 21/12/2020

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do grupo de pesquisa “Usos Sociais da Mídia” (UFSM/CNPq). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3036-1088>. E-mail: [marcomarao@gmail.com](mailto:marcomarao@gmail.com).

<sup>2</sup> Pós-doutora em Comunicação pela Nottingham Trent University (Inglaterra). Docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora PQ2 do CNPq. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8669-3148>. E-mail: [venezar@gmail.com](mailto:venezar@gmail.com).

### **RESUMO**

Esse artigo investiga a circulação de representações do rural-urbano acionadas pelo consumo de telenovelas entre jovens da agricultura familiar que vivem no município de Pedreiras/MA, de idade entre 14 a 31 anos. Tomando por base as proposições de Lopes (2014) sobre o estudo do consumo de telenovelas ancorado na teoria das mediações de Martín-Barbero (2001), adota-se como método a Etnografia crítica do consumo de Ronsini (2003; 2011). Como resultado, percebeu-se que a dicotomia que subordina o rural ao urbano (CASTRO, 2009) se faz presente parcialmente nas representações dos informantes.

3

Constatou-se, ainda, que há uma carência de representações do rural nas telenovelas brasileiras. As poucas telenovelas que representam o rural são, geralmente, de época, reforçando estigmas que caracterizam o rural como ultrapassado.

**Palavras-chave:** Rural. Urbano. Representações. Telenovelas. Consumo.

## ABSTRACT

This article investigates rural-urban representations coming from the consumption of ‘telenovelas’ by family farming youngsters at the age of 14 to 31 who live in Pedreiras/MA. Based on the discussion by Lopes (2014) concerning studying soap operas through the mediations theory by Martín-Barbero (2001), the method adopted is Critical Ethnography of consumption by Ronsini (2003; 2011). As a result, it was found out that the dichotomy which subordinates the rural to the urban (CASTRO, 2009) is partially present in the informants’ representations. It was also found out that there’s a lack of rural representations in brazilian soap operas. The few ones that represent the rural are usually period soap operas, which reinforces stigmas that label the rural as outdated.

**Keywords:** Rural. Urban. Representations. Telenovelas. Consumption

## RESUMEN

Este artículo investiga la circulación de representaciones del rural-urbano provocadas por el consumo de telenovelas entre jóvenes de la agricultura familiar que viven en el municipio de Pedreiras / MA, de 14 a 31 años. A partir de las proposiciones de Lopes (2014) sobre el estudio del consumo de telenovelas anclado en la teoría de las mediaciones de Martín-Barbero (2001), se adopta como método la Etnografía Crítica del Consumo de Ronsini (2003; 2011). Como resultado, se notó que la dicotomía que subordina lo rural a lo urbano (CASTRO, 2009) está parcialmente presente en las representaciones de los informantes. También se encontró que hay una falta de representaciones de lo rural en las telenovelas brasileñas. Las pocas telenovelas que representan lo rural son, en general, de época, reforzando los estigmas que caracterizan a lo rural como anticuado.

**Palabras-clave:** Rural. Urbano. Representaciones. Telenovelas. Consumo.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, aproximamo-nos de um tema caro à Sociologia: a juventude rural. Abordar o assunto a partir do "lugar" da Comunicação não é necessariamente indicar problemáticas que a Sociologia ainda não tenha enfrentado, mas contribuir para estas problemáticas a partir de outra perspectiva. Em outros termos, pensar os problemas enfrentados pela juventude rural a partir da Comunicação. Academicamente, destacamos a escassez de pesquisas brasileiras que abordem a categoria juventude rural. Embora apontem um crescimento no volume de publicações acadêmicas direcionadas à juventude, levantamentos bibliográficos realizados por Weishemer (2005), Hayashi, Hayashi e Martinez (2008), Sposito (2009) e Barasuol, Doula e Boessio (2017), em diferentes áreas do conhecimento<sup>3</sup>, com ênfase nas Ciências Sociais e Humanas, constatam que há um grande predomínio de discussões acerca dos jovens de espaços urbanos em detrimento daquelas que se direcionam aos jovens de contextos rurais.

Tendo isso em vista, este artigo se origina de pesquisa maior que investiga as práticas dos jovens da agricultura familiar associadas ao consumo de mídia e as representações do rural-urbano acionadas por este consumo para se compreender em que medida as estruturas capitalistas de poder estão implicadas nas suas práticas. O recorte aqui está limitado às representações do rural-urbano que são acionadas pelo consumo de telenovelas, no atravessamento com a experiência cotidiana dos informantes. São investigados sete jovens moradores do município de Pedreiras, no estado do Maranhão, de idade entre 14 a 31 anos, pertencentes a famílias de agricultores familiares. A escolha dos informantes se pautou pelos seguintes critérios: o pertencimento à categoria juventude e à categoria agricultura familiar. Essa categorização será detalhada na seção seguinte.

Embora a abordagem dicotômica, que subordina o rural ao urbano, esteja "superada" academicamente, ela permanece viva na esfera das representações sociais dominantes na sociedade contemporânea, portanto a juventude rural, ainda hoje, se

---

<sup>3</sup> Conforme os critérios da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes)*.

confronta com preconceitos de representações “‘urbanas’ sobre o campo” (CASTRO, 2009, p. 183), promovidas pelas indústrias midiáticas dentro de um contexto mais amplo de práticas desenvolvimentistas em escala global que resultam em consideráveis interferências e transformações nas realidades sociais contemporâneas (FROEHLICH, 2019).

Adotamos como método a Etnografia, pois ela possibilita a apreensão do fluxo da experiência dos sujeitos, através da proposta de *Etnografia crítica do consumo* de Ronsini (2011). A proposta de Ronsini (2011), ancorada no paradigma indiciário, permite-nos articular a observação em microescala a discussões teóricas mais amplas para a composição do objeto de pesquisa. Além da realização de Observação Participante e Entrevistas semiestruturadas, aplicamos um formulário baseado em estudo de Branco e Biasus (2013), o qual investigou as representações sociais expressadas por uma população jovem do campo acerca do meio rural e do meio urbano. Os detalhes a respeito da aplicação do formulário e do estudo em questão serão discutidos posteriormente.

## PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A pesquisa toma por base a perspectiva das mediações de Martín-Barbero, através do seu *Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura* (Figura 1), uma vez que este possibilita operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que esteja relacionado com as instâncias da comunicação, da cultura e da política (LOPES, 2014).



Figura 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura. Autor: Martín-Barbero. Fonte: Lopes (2018).

Como ressalta Lopes (2014, p. 75), a apropriação do mapa pelo pesquisador depende da “estratégia metodológica que adotar em uma dada pesquisa empírica, de modo que a escolha pode recair em determinadas mediações, e não em outras, dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica”. Como expressa a autora, a partir de um determinado formato industrial, como a telenovela, o pesquisador pode acionar elementos da linguagem televisiva em articulação com valores da recepção/consumo dentro do mapa das mediações, “uma vez que esse formato apresenta-se articulado às competências de recepção pela ritualidade ou socialidade” (LOPES, 2014, p. 75). Por estas razões, a nossa escolha recaiu nesse mapa.

De acordo com Ronsini (2011, p. 82), a pesquisa a partir do “lugar” do consumo demanda uma proximidade aprofundada com os sujeitos observados, razão pela qual o emprego do método etnográfico é fundamental. Estabelecendo uma aproximação com Shaun Moores, Ronsini (2003; 2011) propõe uma adaptação da Etnografia para a Comunicação: a *Etnografia crítica do consumo*. Ancorada no modelo *barberiano* das mediações, a proposta da autora considera que abarcar “uma totalidade possível” para o

consumo consiste na “articulação entre situações de realidade e proposições abstratas abrangentes prévias (RONSINI, 2011, p. 79).

Em consonância com a proposta de Ronsini (2003; 2011), ancoramo-nos no paradigma indiciário, que tem como indicação um procedimento de análise microscópica do objeto, em termos de uma redução de escala de observação empírica, mas não em termos da dimensão mais ampla do objeto de pesquisa. Ao ter como objeto casos, situações e documentos individuais, o paradigma indiciário alcança “uma margem ineliminável de causalidade” (RONSINI, 2011, pp. 79-80). Através de “indícios singulares”, ele também oferece “instrumento para desvendar mecanismos de ocultação ideológica e revelar fenômenos mais gerais” (RONSINI, 2011, p. 80). A proposta da autora é compreender o fenômeno comunicacional através de uma aproximação entre Sociologia e Antropologia. Da primeira, herda-se a preocupação com os determinantes macroestruturais dos meios tecnológicos; da segunda, “o sentido da relação entre eles e a audiência” (RONSINI, 2003, p. 44).

Para além da observação participante, pressuposto do método etnográfico, realizamos entrevistas de roteiro semiestruturado, com perguntas sobre os hábitos cotidianos dos informantes e as preferências de consumo de telenovelas, elaboradas a partir dos pressupostos teóricos do *Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura*, especificamente a partir de duas mediações: Socialidade e Ritualidade. A Socialidade é o lugar de articulação das práticas comunicativas, de constituição dos indivíduos e de suas relações com o poder, através das instituições sociais com as quais eles se relacionam.

A partir do eixo Socialidade, abordamos as *Representações do rural-urbano* que circulam entre os nossos informantes. Enquanto expressão, tanto de suas visões de mundo, constituídas através de todos os níveis de socialização, quanto das suas condições sociais de reprodução, as representações sociais nos fornecem elementos para analisarmos o processo contínuo de negociação da hegemonia entre as classes dominantes e subalternas, uma vez que a cultura massiva não ocupa uma única posição no interior da cultura das classes sociais.

Articulando os Formatos Industriais às Competências de Recepção/Consumo, a mediação Ritualidade se refere aos processos de construção de sentido atravessados pelo consumo midiático, às trajetórias de leituras dos consumidores, regulando as interações entre tempos e espaços cotidianos, e os tempos e espaços midiáticos. Na pesquisa, não examinamos as gramáticas específicas de um gênero televisivo ou os discursos de determinado produto midiático, no que tange aos Formatos Industriais. Concentramo-nos nas Competências de Recepção/Consumo, que articulam as condicionantes sociais examinadas na nossa análise da mediação Socialidade e as trajetórias de leitura dos nossos informantes. A partir destes pressupostos, chegamos à categoria *Representações midiáticas do rural-urbano*.

Para encontrarmos os informantes, fomos ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Pedreiras, onde nos foram fornecidos endereços de agricultores familiares cadastrados. Para a seleção daqueles que participaram da pesquisa, baseamo-nos nos seguintes critérios: o pertencimento à categoria juventude e à categoria agricultura familiar.

O primeiro critério se baseia em duas abordagens sistematizadas por Weisheimer (2005) para a definição de juventude, as quais, do nosso ponto de vista, estão interrelacionadas: juventude como ciclo de vida; e juventude como representação social. A noção de ciclo de vida, perspectiva adotada pela UNESCO, compreende a juventude como um período de transição, fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade. Esse período de transição pode ser recortado pela faixa etária do sujeito (embora não deva estar limitado a esta) e pela noção de juventude como representação social, a qual se pauta pela auto identificação do sujeito como jovem. Na prática, isso significa que, na nossa pesquisa, duas informantes cujas idades estão ligeiramente fora da margem etária delimitada pelo *Estatuto da Juventude no Brasil*<sup>4</sup>, foram consideradas como jovens porque se auto identificam como tal e porque dependem financeiramente (em graus variáveis) dos pais.

---

<sup>4</sup> De acordo com o *Estatuto da Juventude no Brasil*, denominação atribuída à lei número 12.852, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y88mgmln>>. Acessado em 05 de outubro de 2020.

O segundo critério toma por base a Lei nº 11.326/2006, que define como agricultores familiares aqueles cuja propriedade não ultrapasse, em extensão, o limite de quatro módulos fiscais. O módulo fiscal é uma unidade de medida que varia entre os municípios brasileiros. Em Pedreiras, segundo dados disponíveis no site da Embrapa<sup>5</sup>, um módulo fiscal corresponde a 60 hectares. As informações sobre o tamanho da propriedade foram coletadas por meio de formulários aplicados aos informantes.

## **AS REPRESENTAÇÕES DO RURAL-URBANO**

Como problematiza Castro (2009), a juventude rural é constantemente associada ao problema da migração do campo para a cidade, reforçando-se uma ideia segundo a qual essa juventude estaria desinteressada pela vida no campo. Tal noção, além de consagrar a ultrapassada dicotomia que subordina o rural ao urbano, “contribui para a invisibilidade” da juventude rural “como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais”, contrapondo-se “à visibilidade da organização da juventude dentro dos movimentos sociais rurais” (CASTRO, 2009, p. 23).

Embora a questão da migração rural-urbana seja uma problemática recorrente relacionada à juventude rural, a saída dos jovens do campo rumo às cidades não é motivada necessariamente por uma atração destes pelo estilo de vida urbano, em detrimento do estilo de vida rural. Dos nossos sete informantes, seis expressam maior preferência pela vida no campo e não planejam sair de lá, mesmo enfrentando diversas dificuldades no espaço que habitam: eles reclamam do afastamento espacial entre o campo e os bens, serviços e infraestrutura presentes no perímetro urbano; da dificuldade de acesso ao campo devido à ausência de asfalto nas estradas e de transporte público que atenda os povoados onde moram.

Segundo Castro (2009), há um consenso acadêmico quanto às dificuldades enfrentadas pelos jovens do campo nos espaços onde vivem. Não há consenso, no entanto,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8jxqf7d>>. Acessado em 05 de outubro de 2020.

em relação à aderência dos jovens do campo ao estilo de vida urbano, embora essa noção tenha sido reforçada pela literatura clássica sobre o campesinato. Como aponta Castro (2009), a luta dos movimentos sociais juvenis por transformações no meio rural, para que os jovens possam permanecer no campo com maior qualidade de vida, indica a fragilidade de tal ideia. Embora não estejam engajados em movimentos sociais, todos os nossos informantes almejam por transformações nos espaços que habitam – seis deles, para que possam permanecer no campo.

Aqui no campo tem mais tranquilidade, tem mais lazer. Na vida da cidade não tem. As pessoas não podem se comunicar. O roubo na vida na cidade tá demais. O barulho na cidade também. Na “rua”<sup>6</sup> a pessoa não pode nem andar com uma bolsa do lado. Aqui a pessoa vai pra onde quer, sai na hora que quer. Na “rua” não. Eles não podem nem sair. Sair já tá correndo perigo (INFORMANTE 3).

Um fator relevante para a preferência dos informantes pela vida no campo diz respeito à possibilidade de produzirem os alimentos que consomem. Isso representa, para eles, duas vantagens: por um lado, eles evitam o consumo excessivo de agrotóxicos presentes nos alimentos disponíveis nos supermercados urbanos abastecidos pelos grandes produtores; por outro, eles garantem a subsistência alimentar, independentemente da renda financeira, a qual pode ser destinada à aquisição de outros bens e serviços. Há, entre eles, um conhecimento acerca da precariedade enfrentada por grande parte dos migrantes rurais nos centros urbanos. Eles reconhecem a dificuldade de se conseguir um emprego nas cidades em meio à saturação de ofertas de mão-de-obra, herança histórica da explosão demográfica ocorrida nos centros urbanos do país desde as primeiras décadas do século 20, devido ao êxodo rural. Esse processo, até hoje, gera vários problemas sociais, em especial o desemprego e o subemprego (FONSECA et al., 2015).

Para além das questões de ordem pragmática, como o meio de subsistência, a preferência pela vida no campo também se atribui a questões subjetivas: em geral, os informantes valorizam a proximidade com a natureza e um ritmo de vida linear e pouco corrido, fatores que eles dificilmente encontrariam na cidade. Portanto, reiterando Castro

---

<sup>6</sup> O termo “rua” está destacado entre aspas porque se trata do modo como eles se referem à cidade.

(2009), é leviano simplesmente atribuir, de modo generalizado, a questão da migração rural-urbana juvenil a um desinteresse simbólico pelo estilo de vida rural.

Embora que seis dos nossos informantes não pretendam residir no centro urbano de Pedreiras, na capital do estado ou em outra região urbana, o deslocamento até o centro urbano de Pedreiras é, mais do que um desejo, uma necessidade. Como, nos locais onde moram, não há farmácias, supermercados, hospitais e, em alguns dos casos, nem mesmo escolas, eles acabam precisando ir até o centro urbano do município com regularidade, apesar de não contarem com transportes públicos que atendam os seus povoados e da precariedade (ou ausência) do asfaltamento. Como ressalta o Informante 2: “às vezes você tem que resolver alguma coisa na cidade, mas você não tem transporte ou então tá chovendo. Aconteceu alguma coisa, pra se deslocar é um pouco complicado”.

O estudo realizado por Branco e Biasus (2013), mencionado anteriormente, investiga as representações sociais expressadas por uma população jovem do campo acerca do meio rural e do meio urbano:

O estudo foi desenvolvido em 4 municípios da região do Alto Uruguai e contou com a participação de 40 jovens. A coleta de dados deu-se através da evocação de palavras e questionário de caracterização (...). Entre os jovens foram caracterizados conteúdos em relação ao meio rural e urbano que evidenciaram a organização da representação social, enfatizando as preocupações em relação ao futuro, sendo as de meio urbano voltadas para atividades de lazer e, de certa forma, com *uma visão mais positiva* ao passo que a de meio rural estava mais voltada para incerteza e para a característica do trabalho no campo (BRANCO; BIASUS, 2013, p. 27, grifo nosso).

Assim, apresentamos aos nossos informantes o total de 43 palavras resultantes do estudo questão e pedimos que eles escolhessem as três que consideraram mais representativas da cidade e do campo, conforme a tabela abaixo (Tabela 1):

<input type="checkbox"/> Violência	<input type="checkbox"/> Carros	<input type="checkbox"/> Oportunidade	<input type="checkbox"/> Pessoas
<input type="checkbox"/> Agricultura	<input type="checkbox"/> Barulho	<input type="checkbox"/> Tranquilidade	<input type="checkbox"/> Lavoura
<input type="checkbox"/> Máquinas	<input type="checkbox"/> Cavalos	<input type="checkbox"/> Produção	<input type="checkbox"/> Comércio
<input type="checkbox"/> Pecuária	<input type="checkbox"/> Animais	<input type="checkbox"/> Fazenda	<input type="checkbox"/> Trabalho
<input type="checkbox"/> Avicultura	<input type="checkbox"/> Poluição	<input type="checkbox"/> Bom de morar	<input type="checkbox"/> Prédios

( ) Desvalorização	( ) Calma	( ) Salário	( ) Dificuldade
( ) Serviço de saúde	( ) Agitado	( ) Estradas de terra	( ) Vaca
( ) Emprego	( ) Natureza	( ) Escolas	( ) Diversão
( ) Terra	( ) Multidões	( ) Casas	( ) Movimento
( ) Pouco dinheiro	( ) Roça	( ) Plantação	( ) Sofrimento
( ) Tecnologias	( ) Família	( ) Máquina	

Tabela 1 – Palavras elencadas para os informantes. Autoria e Fonte: Branco e Biasus (2013)

O resultado das escolhas dos nossos informantes está demonstrado na tabela abaixo (Tabela 2):

	<b>Rural</b>	<b>Urbano</b>
Informante 1	Agricultura Fazenda Trabalho	Poluição Carros Agitada
Informante 2	Fazenda Agricultura Pecuária	Oportunidade Poluição Violência
Informante 3	Tranquilidade Agricultura Vaca	Tecnologia Oportunidade Violência
Informante 4	Tranquilidade Agricultura Roça	Agitação Oportunidade Poluição
Informante 5	Animais Agricultura Lavoura	Carros Prédios Pessoas
Informante 6	Animais Agricultura Natureza	Carros Escolas Comércio
Informante 7	Trabalho Agricultura Natureza	Poluição Violência Agitação

Tabela 2 – Termos escolhidos pelos informantes. Autoria e fonte nossas.

Nota-se que, para definir o campo, a palavra mais recorrente é *agricultura*, escolhida por todos os informantes. Outras palavras que se repetem são *tranquilidade*, *animais* e *fazenda*. Em geral, as palavras escolhidas pelos informantes remetem à natureza e aquilo que está associado a ela, como a agricultura e elementos que ela envolve (lavoura, roça) e a pecuária (vaca, animais, fazenda). Ambos designam um tipo de trabalho, do setor primário.

É sabido que o rural, cada vez menos, se confunde com a atividade agrícola. Se a abordagem dicotômica era uma perspectiva dominante nos debates inaugurais do campo sociológico, isso se atribui ao fato de que havia uma separação espacial bem demarcada entre os territórios de economia agrícola e os de economia industrial. No entanto, a reestruturação econômica que os países do ocidente têm atravessado e suas repercussões nos contextos rurais têm obrigado os estudiosos do meio rural a definir novas abordagens para apreendê-lo. Por um lado, problematiza-se as repercussões do capitalismo avançado (mecanização da produção e urbanização do campo) na agricultura, atividade que caracterizava o rural. Por outro, reivindica-se ao rural características que ultrapassam a questão de sua atividade econômica, de modo que “é cada vez mais aceito entre os estudiosos do mundo rural brasileiro que está em marcha um processo de diferenciação entre a agricultura e o espaço rural” (SCHNEIDER, 2003, p. 228).

Entretanto, se podemos falar de um rural plural, não restrito unicamente à atividade econômica que desempenha (a agricultura), diante das transformações que os espaços rurais brasileiros têm vivenciado, o ritmo de tais transformações não ocorre de maneira uniforme em todo o território nacional. Nenhuma das famílias dos nossos informantes dispõe de máquinas para a produção agrícola, tampouco conhecem quem as utilize no município. De acordo com o Censo Agropecuário<sup>7</sup> realizado pelo IBGE em 2017, até o ano de 2017 havia 155 estabelecimentos dedicados a lavouras permanentes e 402 a lavouras temporárias em

---

<sup>7</sup> Censo Agropecuário 2017 do IBGE. Disponível em <<https://tinyurl.com/y8zmoo7h>>. Acessado em 5 de outubro de 2020.

Pedreiras. No total, incluindo estabelecimentos voltados à pecuária e sistemas agroflorestais, o município tem 602 estabelecimentos registrados. Em termos de implementos e máquinas, dentro desse total há apenas 3 unidades de tratores. Ainda, como apontam Silva, Lopes e Silva (2018, p. 82), a agricultura do município continua empregando técnicas rudimentares, que consistem na “derrubada da vegetação, depois vem a queimada, em seguida a coivara, a plantação e, finalmente, o cultivo”.

Apesar da presença de termos negativos na lista de palavras mostrada a eles, como *desvalorização*, *pouco dinheiro* e *sufrimento*, nenhum dos informantes escolheu termos negativos para definir o campo. Por outro lado, quatro deles atribuíram pelo menos um termo negativo à cidade, sendo *violência* e *poluição* os mais recorrentes.

A escolha de palavras indica, novamente, que entre os nossos informantes não há uma consagração do estilo de vida urbano, ao contrário dos jovens do estudo de Branco e Biasus (2013). Essa forte distinção entre os nossos informantes e os do estudo em questão encontra ecos na discussão de Wanderley (2000; 2003) sobre o processo de modernização e urbanização do rural brasileiro, segundo a qual este não está concluído, nem se disseminou de modo homogêneo por todo o território nacional. Diferentemente do centro-sul do país, a modernização maranhense se caracteriza menos pela industrialização das cidades e expansão de fábricas que pela modernização da própria agricultura, ou seja, “é o próprio campo, visto como local do atraso, do antigo e da estagnação que precisa ser modernizado e, para tanto, se favorece a expansão do agronegócio e das monoculturas, desde a década de 1970 até os dias atuais” (SILVA, 2014, p. 138). Cabe ressaltar que, mesmo essa modernização restrita ao agrícola, marcada pela expansão do agronegócio e mecanização da produção, não ocorre em todo o estado, motivo pelo qual o município de Pedreiras possui uma agricultura mais tradicional.

## AS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DO RURAL-URBANO

Nesta seção, não pretendemos fazer uma análise narrativa do rural e do urbano representados na mídia. Aqui, buscamos analisar os sentidos que os nossos informantes atribuem às telenovelas que consomem em relação ao rural-urbano.

Dos sete informantes, cinco preferem assistir a telenovelas ambientadas no campo. Os motivos pelos quais há essa preferência são variados: porque mostram paisagens bonitas; porque não dão (ou dão menos) maus exemplos; porque as pessoas que não conhecem o campo vão entender como é a vida no campo e as suas dificuldades. Esse segundo motivo chama a atenção porque há uma associação entre espaço socialmente ocupado (campo) a uma certa conduta moral, tida como mais correta. Inferimos que tal associação se trata de uma reprodução parcial das representações hegemônicas do rural-urbano, as quais consagram a ideologia desenvolvimentista do capitalismo que marca os processos de modernização dos países ocidentais. Sob essa ótica, o rural representaria a tradição, e o urbano, a modernidade (WILLIAMS, 1989). No entanto, a reprodução dessa ideologia é parcial porque, embora estabeleçam a associação entre rural/tradição e urbano/modernidade, os segundos não são, para eles, um ideal a ser almejado. Ao contrário do que pretende o projeto capitalista de modernização, entre esses jovens a tradição não é repudiada, tampouco está relegada a uma temporalidade ultrapassada.

De acordo com Martín-Barbero (2001), a modernização latino-americana se caracteriza, desde meados do século 20, por um processo de massificação, em termos de uma coesão ideológica a favor do projeto desenvolvimentista do capitalismo, articulada pela aliança entre a mídia e o Estado. Portanto, a consagração da dicotomia que subordina o rural ao urbano, relegando-o a um status de ultrapassado, deve-se, em grande medida, ao papel da mídia na cristalização de representações sociais. Isso parece explicar o motivo pelo qual os informantes, ao tentarem lembrar de telenovelas que se passem no campo, só conseguem se recordar de telenovelas de época.

O fato de alguns dos informantes preferirem as telenovelas ambientadas no campo porque mais pessoas vão conhecer esta realidade e, com isso, as dificuldades que eles passam aponta para uma carência de representações do modo de vida desses jovens. seis

deles acreditam que a vida no campo é menos retratada que a vida na cidade e, para eles, isso acontece porque a vida no campo é menos interessante para o público em geral, devido à sua desvalorização.

Mesmo consumindo narrativas majoritariamente urbanas, esses jovens não demonstram desejo de aderir a este modo de vida. Para eles, as representações do modo de vida urbano não são atrativas e são, em alguns aspectos, repudiadas. Mesmo a Informante 4, que prefere consumir obras retratadas na cidade, tem essa preferência porque gostaria de conhecer essas cidades, não porque se identifica com os valores e modo de vida urbano. O único que, parcialmente, se identifica com o modo de vida urbano é o Informante 2. Parcialmente porque, mesmo preferindo “obras urbanas”, ele endossa certos valores tradicionais defendidos pelos outros informantes e associados por eles ao campo:

Se for novela de época eu assisto, agora se for essas novelas que não tem nada a ver com meu padrão, meu gosto, eu não assisto não. Porque eu admiro como as pessoas viviam antigamente. Mesmo na simplicidade, sempre felizes, e cobriam seu corpo, que é uma coisa que eu admiro... as pessoas se vestirem bem, com aquelas roupas mais tradicionais (INFORMANTE 2).

Por fim, no intuito de compreender se os nossos informantes se sentem representados ou endossam o modo de vida dos jovens que aparecem nessas telenovelas, as quais são majoritariamente de contextos urbanos, conversamos com eles sobre os jovens urbanos retratados nessas telenovelas. Uma noção se destacou entre os informantes: a de que os jovens urbanos das telenovelas “dão mau exemplo”, reiterando a associação que eles fazem entre o campo e uma certa conduta moral, pautada por valores mais tradicionais e tida como mais positiva que a conduta associada à cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa que deu origem a este artigo, constatamos que produção agrícola em Pedreiras ainda é rudimentar, e que a agricultura familiar local não é estimulada pelo poder público do município porque sua economia é predominantemente centrada nos setores comerciais urbano e industrial. A partir da análise das representações do rural-

urbano que circulam entre os nossos informantes, no âmbito da Socialidade, inferimos que, para além de uma exclusão econômica, há uma exclusão simbólica entre a realidade dos sete jovens e o modo de vida urbano, tendo em vista que, em intervalos relativamente curtos de espaços físicos (de povoados rurais a áreas urbanas praticamente "encostadas" nestes povoados), há um distanciamento cultural entre os nossos informantes e os jovens que residem nas áreas urbanas. Os informantes se referem a esta outra realidade como um universo à parte, um universo que se aproxima dos valores da modernidade: aceleração do ritmo de vida, competitividade, hedonismo, individualismo, tecnologias. Eles afirmam, quase unanimemente (com exceção de um deles) que preferem viver no campo, mas sentem falta de uma oferta de bens e serviços, presentes nas áreas urbanas de Pedreiras, nos povoados rurais onde moram.

Entre os nossos informantes, há um predomínio de valores tradicionais, como a reverência à hierarquia patriarcal, a importância da família, a religiosidade e o cooperativismo, o que pode estar atribuído, em parte, ao fato de que, nas áreas rurais do município, não houve uma marcada modernização aos moldes do projeto nacionalista efetivado nas regiões rurais do centro-sul do país.

Em relação às representações midiáticas do rural-urbano nas telenovelas, no âmbito da Ritualidade, eles tendem a reverberar aquilo que dizem a respeito da realidade do centro urbano de Pedreiras, mas atribuem uma influência demasiada e totalizante das telenovelas no comportamento do público. Para eles, há uma tendência de que crianças e jovens que vivem na cidade imitem o comportamento de personagens das telenovelas, enquanto as pessoas do campo parecem estar mais imunes, pois, para eles, a realidade, as preocupações e valores das pessoas do campo são outras. Cabe ressaltar, ainda, que foi raro algum dos jovens lembrar de representações do rural nas telenovelas. Eles conseguem mencionar várias que são ambientadas na cidade, mas em geral não lembram de telenovelas retratadas no campo, com exceção de telenovelas "de época", como se a vida no campo pertencesse ao passado, a outra temporalidade.

A despeito dos diversos obstáculos que enfrentam no espaço que habitam, como a ausência de transporte público, asfaltamento, hospitais, supermercados e saneamento básico precário, eles não se mostram imbuídos a migrarem para a cidade. Preferem a segurança de poderem produzir o que comem, seguindo seu próprio ritmo de trabalho, mesmo que, para poderem usufruir minimamente de ofertas de bens e serviços básicos de subsistência, dependam de uma venda instável de alimentos, quase sem o suporte do poder público, com exceção da Feira do Agricultor Familiar que ocorre uma vez por mês e comporta uma parcela ínfima dos agricultores familiares da região. Se, na lógica capitalista, tempo é dinheiro, para os nossos jovens, tempo não tem preço.

## REFERÊNCIAS

BARASUOL, Aline; DOULA, Sheila Maria; BOESSIO, Amábile Tolio. **Jovens e juventudes em contextos rurais**: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015). Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 239-262, maio/ago. 2017.

BIASUS, Felipe.; BRANCO, Sidnei de Souza. Representação social de meio urbano e meio rural de jovens residentes no meio rural. **Revista Perspectiva**, p. 27-37, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

FONSECA, Wéverson Lima et al. Causas e consequências do êxodo rural no nordeste brasileiro. **Nucleus**, v. 12, n. 1, p. 233-240, 2015.

FROEHLICH, José Marcos. Juventudes (rurais): construções identitárias e abordagem territorial do desenvolvimento. *In*: MARIN, José Orlando Belivaqua; FROEHLICH, José Marcos (orgs.). **Juventude rural e desenvolvimento territorial**. Santa Maria: UFSM, 2019.

HAYASHI, Maria Cristina; HAYASHI, Carlos Roberto; MARTINEZ, Claudia Maria. Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. **Educação, Sociedade & Culturas**, v. 27, p. 131-154, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014.

\_\_\_\_\_. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, n. 43, p. 14-23, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

RONSINI, Veneza Mayora. A etnografia crítica da recepção: miniaturistas em campo. **Comunicação & Sociedade**, v. 24, n. 39, p. 33-50, 2003.

\_\_\_\_\_. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, Itania; JANOTTI Jr. (orgs.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: Edufba, 2011.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

SILVA, Josiane Cristina Cardoso da. A “modernidade” e as representações campo x cidade: paradigmas e paradoxos para (re) pensar o Maranhão Contemporâneo. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 3, n. 5, p. 123-143, 2014.

SILVA, Gilcéllo Fontinele e.; LOPES, Leila de Oliveira; SILVA, Luciana Sousa da. **Pedreiras – MA, ontem e hoje**. Pedreiras: Editora UEMA, 2018.

SPOSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre jovens na pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, Marília Pontes (org.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas**: o rural como espaço singular e ator coletivo. Estudos sociedade e agricultura, 2000.

\_\_\_\_\_. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. IICA, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

### COMO CITAR ESTE ARTIGO

PEREIRA FILHO, Marco Aurélio Marão Viana; RONSINI, Veneza Mayora. Representações do rural-urbano e o consumo de telenovelas por jovens da agricultura familiar de Pedreiras - MA. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 13, n. 2, pp. 3-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-5930.2020v13n2.55858>.